

JOHN CHEEVER

28 contos

Seleção e prefácio
Mario Sergio Conti

Tradução
Jorio Dauster
Daniel Galera

Prosa invencível

Mario Sergio Conti

Lançada em 1978, *The stories of John Cheever*, a coletânea da qual foram selecionados os contos aqui publicados, é considerada um fenômeno editorial até hoje, mais de trinta anos depois. Nunca, até e desde então, um livro de contos, gênero que raramente chega às listas de mais vendidos, obteve tamanho sucesso nos Estados Unidos: vendeu 125 mil exemplares na edição de capa dura e figurou por seis meses na lista de best-sellers do *New York Times*.

O triunfo se estendeu ao circuito da literatura institucional e à imprensa. *The stories of John Cheever* ganhou três dos prêmios literários mais prestigiosos, o Pulitzer, o National Book Circle Critics Award e o American Book Award. O *Washington Post* afirmou que “os contos de John Cheever são, simplesmente, os melhores”. A revista *Time* estabeleceu que a antologia “mapeava uma das obras mais importantes das letras contemporâneas”. E o *New York Times* decretou que o livro não era “apenas o acontecimento literário do momento, mas um evento maior na literatura inglesa”.

A celebração de John Cheever começara no ano anterior, 1977, com a publicação do romance *Acerto de contas* (*Falconer*, no original), que levou a revista *Newsweek* a estampar na sua capa a manchete “Um grande romance americano”. E prosseguiu até a morte do escritor. Em abril de 1982, Cheever recebeu a Na-

tional Medal for Literature. “Uma página de boa prosa permanece invencível”, disse ele ao aceitar a honraria no Carnegie Hall, em Nova York. Passados menos de dois meses, morreu de câncer. Obituários que o qualificaram de inventor e mestre foram postos na primeira página de grandes jornais. A revista *New Yorker* o descreveu como “uma das maiores figuras literárias do país nos últimos cinquenta anos”.

A celebração apontava para duas verdades, uma biográfica e outra literária. No plano existencial, ele seria o ápice de uma vida produtiva e feliz. Morador durante décadas de uma casa antiga em Ossining, subúrbio de classe média alta à beira do rio Hudson, em Nova York, o escritor teve um casamento duradouro, três filhos bem encaminhados e viveu apenas da sua arte. Uma arte da qual não se desviou. Que preservou do comercialismo e das modas. E na qual persistiu até ser admirado pelos críticos, pela academia (apesar de não ter terminado o curso secundário, recebeu em 1978 um título honorário de Harvard) e pelos seus pares — entre eles, Philip Roth, Saul Bellow, John Irving e John Updike, para o qual Cheever “escrevia como com a pena da asa de um anjo”.

Sua obra investiga aspectos à primeira vista específicos da vida americana de meados do século xx: a aridez espiritual dos subúrbios ricos e, concomitantemente, a possibilidade de transcendência do indivíduo numa sociedade cujo fundamento é a alienação. Colados à realidade, seus melhores contos soam como críticas inexoráveis do vazio de seus personagens, das vidas anódinas a que estão condenados. Ainda assim, em situações extremas, e por meio de rupturas líricas da narrativa realista, Cheever abre caminho para epifanias: a existência não seria só isolamento sem sentido; o amor, as relações familiares e a natureza, transformados pela arte, são motivo de alumbramento.

Em outros termos, a consagração de *The stories of John Cheever* e os obituários apoteóticos serviriam de alavanca para colocar a sua obra no cânone americano, na condição de clássico da literatura contemporânea. Daí Cheever ter sido rotulado de “o Ovídio de Ossining” e “o Tchekhov americano”.

Nem a verdade biográfica nem a literária se confirmaram. Nas últimas décadas, a máscara pública do John Cheever lhano e modesto, o americano tranquilo por excelência, deu lugar à figura angustiada de um alcoólatra agressivo. Saiu o anjo e entrou o demônio que atormentou a mulher e os filhos, abusou de dezenas de amantes de ambos os sexos (admiradoras e jovens protegidos) e se ressentia na surdina do sucesso dos colegas que, de viva voz, enaltecia.

Quanto à obra, ela praticamente não é estudada nas universidades, não foi assunto de nenhum crítico de renome e parece não entusiasmar os novos leitores. *The stories* agora vendem 5 mil exemplares por ano. Um número “excelente para um livro de contos, mas desprezível para um clássico do pós-guerra”, conforme observou o seu biógrafo Blake Bailey em *Cheever — A life*, publicado em 2009.

O que aconteceu? A boa prosa não é invencível?

John Cheever nasceu numa família branca, anglo-saxã e puritana de Massachusetts e se vangloriava da sua estirpe, por assim dizer, aristocrática. “Nunca esqueça que você é um Cheever”, repetia ele aos filhos, querendo dizer que um Cheever sabe de onde veio e quem é. Só que ele engrandecia as suas origens e não aceitava ser quem era. Seu pai foi um vendedor de sapatos que sucumbiu à bancarrota e à depressão. Para manter a família, sua mãe abriu uma loja de enfeites e presentes, algo que Cheever considerava uma “humilhação abissal” (o mundo heroico do passado que se condensa em comércio de quinquilharias para turistas é um tema do seu primeiro romance, *A crônica dos Wapshot*). Foi um segundo filho indesejado: a mãe lhe contou que, se não tivesse tomado um drinque a mais numa determinada noite em Nova York, ele não teria sido concebido; e que o marido a aconselhara a procurar um aborteiro.

Sua maior ligação na infância foi com o irmão mais velho, Fred. É assim que John Cheever o descreve, numa anotação de 1967 do seu diário:

Meu único irmão, depois de vinte e cinco anos enchendo a cara e de duas crises alcoólicas terminais; depois de ter perdido o emprego e todos os seus bens na Terra, a mulher, e a confiança e o afeto de pelo menos dois dos filhos; depois de ter considerado todos os que o empregaram estúpidos e insensíveis; depois de ter cambaleado à deriva em quartos de pensão, vendendo anúncios para uma pequena estação de rádio; depois de ter sido aleijado pela artrite; depois de chegar aos sessenta e dois anos de idade, me telefona às nove da manhã, quando ainda estou jogado na cama, nauseado pela ressaca. Sua voz é exclamativa e calorosa. Atencioso, pergunta como vou indo, exatamente como fazia quando ficava bêbado uma semana inteira. Agrada-me pensar que temos em comum a compleição resistente. Lembro como, misteriosamente, a nossa relação virou uma competição. Ele vai dirigir até o Co-

lorado no sábado, enquanto eu, o moderado, o sóbrio, o laborioso etc., mal posso guiar até o vilarejo vizinho.

O diário deixa entrever que Fred foi a bússola de Cheever até o fim da adolescência: “Ele era o centro da minha vida, minha moral, meu sentido de bem e mal”, escreveu. O diário também permite supor que tiveram uma relação incestuosa, possivelmente carnal. Que se desentenderam de maneira irremediável na juventude, e que a ruptura provocou em Cheever um remorso que ele carregou até o túmulo. Que, além da compleição resistente, compartilharam o alcoolismo, a fúria autodestrutiva e casamentos conturbados, para não dizer infernais. E que nunca deixaram de se amar. O primeiro conto desta coletânea, “Adeus, meu irmão”, se baseia na ligação entre Fred e John.

John Cheever foi um aluno medíocre (seus originais estão repletos de erros ortográficos) e popular entre os colegas devido à capacidade incomum de inventar e contar histórias. Era um dom inato. Chamado à frente da classe, narrava uma história fabulosa à medida que a criava. Foi expulso da escola por ter sido pego fumando. Usou a experiência para escrever o conto “Expulso”, que enviou para a *New Republic*. Um editor da revista reconheceu no escrito a “voz de uma nova geração” e o publicou. Cheever tinha dezessete anos.

Vendeu mais um conto, “Buffalo”, para *The New Yorker*. A ele se seguiriam, por mais de quatro décadas, 120 outros. Desde a sua fundação, em 1925, a *New Yorker* publicou todas as semanas contos e trechos de romances. Aos poucos, deixou de ser uma revista de humor leve, esnobe e marcadamente nova-iorquina para virar uma publicação cosmopolita. Com o enriquecimento americano no pós-guerra, o seu público decuplicou. E migrou de apartamentos de Manhattan para casas espaçosas nos subúrbios de Nova York.

O fundador e primeiro editor da revista, Harold Ross, acreditava que ela deveria publicar contos brandos, que, em vez de espicaçar a inteligência dos leitores, os entretivessem suavemente. Não admitia palavrões, descrições de sexo, violência e ousadias formais. Nesse credo, a ficção pacata de um John Updike ou de um Richard Yates rendiam mais do que os sobressaltos de um Norman Mailer ou de um Jack Kerouac.

Em todos esses aspectos, John Cheever era o autor ideal para a *New Yorker*. Com duas vantagens adicionais. Primeiro, o universo físico e emocional dos seus contos, o dos subúrbios afluentes (que se generalizariam em torno de quase to-

das as metrópoles americanas), era o mesmo dos leitores da revista, possibilitando identificação. E, depois, porque Cheever, sem forçar a mão, ecoava lendas da Antiguidade clássica e parábolas bíblicas. “O nadador”, por exemplo, alude tanto ao mito de Narciso como ao périplo de Ulisses. Com isso, ele como que enobrecia os leitores.

A *New Yorker*, escreveu Cheever, “me deu o presente inestimável de um grupo grande, sagaz e sensível de leitores, e dinheiro suficiente para alimentar minha família e comprar um terno a cada dois anos”. Nem por isso o seu contato com a revista foi fácil. Num longo ensaio sobre a reputação do escritor, publicado no ano passado, Charles McGrath sustentou que Cheever teve com os editores da *New Yorker* uma relação “do tipo que às vezes se tem com a família — próxima e confiante no começo, e no fim desconfiada e briguenta em questões de dinheiro”.

Dinheiro, aliás, negaceado. A revista era a que melhor remunerava os colaboradores, mas estava longe de ser pródiga. E os seus editores queriam que o escritor se ativesse à fórmula bem-sucedida. Entre forma artística e fórmula editorial, porém, há um espaço que, no caso de Cheever, às vezes se assemelhou a uma prisão. Ele queria arriscar-se em outras direções, como o romance. Acabou fazendo contos formalmente mais ousados e romances. Com intensidade crescente, implicou com as sugestões de mudança e comentários de editores da *New Yorker*. Brigaram feio mais de uma vez.

A revista veio a reformular suas normas quanto a peças de ficção. Mas a expressão “contos da *New Yorker*” havia adquirido nas universidades uma conotação pejorativa, sinônimo de literatura de segunda categoria, de concessão ao gosto de um público conservador, a *middle America*. E Cheever foi reduzido a expoente dessa pretensa sublitteratura.

Com a morte do escritor, um candidato a biógrafo se aproximou da família e contou que sabia muito mais do que eles a respeito da lancinante ambiguidade sexual de Cheever, e que pretendia revelá-la. Para se adiantar, e controlar a repercussão, sua filha Susan Cheever publicou em 1984 um livro de memórias intitulado *Home before dark*. O livro se baseia nas reminiscências dela e nos diários que o escritor guardara num cofre do museu Morgan, em Nova York. Registrados em 29 cadernos, num total de mais de 4 mil páginas, os diários se estendem do fim dos anos 40 ao início dos 80.

Home before dark provocou perplexidade por revelar o homossexualismo e o alcoolismo de Cheever. Para quem admirava o artista sempre em busca “da luz e do brilho”, como notou um comentarista, foi chocante a exposição da sua personalidade doloridamente sombria. Passados mais quatro anos, foram publicadas algumas das cartas do escritor, e elas corroboraram essa percepção.

Por fim, a *New Yorker* comprou, por 1,2 milhão de dólares, o direito de reproduzir trechos dos diários de Cheever. Ao longo de doze meses, em seis partes distintas, a revista publicou cerca de 5% dos diários. O mesmo material foi recolhido no livro *The journals of John Cheever*. A discrepância entre o artista e sua obra tornou-se, então, esquizofrênica. As descrições minuciosas de cenas sexuais (inclusive masturbação), o ódio aos homossexuais, apesar de ser um deles, o relato frio do seu pouco-caso com os filhos, o revolver repetido do dia a dia de hostilidades entre ele e a mulher, a batalha eternamente perdida para não tomar álcool antes do meio-dia (e em seguida antes das onze, das dez e até das nove da manhã), a tristeza atroz e constante tornam penosa a leitura dos *Journals*. O contista lírico, o cantor da alegria da vida em família, o arauto das virtudes da contenção e da simplicidade saiu de cena definitivamente.

Depois de uma internação, em 1975, e de aderir aos Alcoólicos Anônimos, Cheever nunca mais bebeu. Mais tarde, chegou também a certo equilíbrio sexual e amoroso, reconciliando-se em parte com a família e consigo mesmo. Mas, postumamente, o que ficou foi a imagem crua projetada pelos diários — a do pobre-diabo perdido na treva mais espessa. Imagem que contaminou uma obra feita de nuances, alusões sutis e iluminações inesperadas.

As mudanças no ambiente literário americano nas últimas décadas também não ajudaram a obra de Cheever. Nos departamentos de letras, a valorização dos artistas de comunidades e minorias (gays, negros, latinos, feministas etc.) se fez em detrimento dos escritores brancos, anglo-saxões e de classe média, e em oposição a eles. Para piorar, é difícil definir a filiação literária de Cheever. Na querela entre os modernos e pós-modernos, ele fica num não lugar. Foi influenciado por Hemingway e Fitzgerald, mas não está longe de John Barth e Donald Barthelme. E, em todo caso, a reputação dos quatro já teve dias melhores.

Para lá da política e das modas literárias, a obra de Cheever, sobretudo os contos, tem apelo universal. Desde os anos 50, ela foi admirada nos países sub-

metidos ao stalinismo, a começar pela finada União Soviética, onde até hoje ele é tido como um grande escritor. Isso para não falar da França e do Brasil, países onde sua obra, exceto pelos diários, foi publicada praticamente na íntegra e continua a ser reeditada. Mesmo na China, ele tem fãs: o escritor Wang Meng, ministro da Cultura no final dos anos 80, disse certa vez que Cheever era o seu escritor favorito.

A boa prosa continua invencível.

O nadador

Era um daqueles domingos de verão em que fica todo mundo sentado dizendo: “Bebi *demais* ontem à noite”. Você pode ter ouvido a frase murmurada por paroquianos ao saírem da igreja ou dos lábios do próprio padre ao lutar com a batina na sacristia; também pode tê-la ouvido nos campos de golfe e nas quadras de tênis, assim como na reserva natural onde o guia da Audubon estava na maior ressaca. “Bebi *demais*”, disse Donald Westerhazy. “Todos nós bebemos *demais*”, disse Lucinda Merrill. “Deve ter sido o vinho”, comentou Helen Westerhazy. “Bebi *demais* daquele clarete.”

Esse diálogo ocorreu na beira da piscina dos Westerhazy, cuja água, vinda de um poço artesiano com altos índices de ferro, tinha uma coloração verde-clara. Fazia um belo dia. No oeste, uma maciça estrutura de cúmulos se parecia tanto com uma cidade, vista ao longe da proa de um navio, que merecia ter um nome. Lisboa. Hackensack. O sol queimava. Neddy Merrill estava sentado na borda da piscina, com uma das mãos na água esverdeada e a outra segurando um copo de gim. Era um homem enxuto, que conservava aquela esbeltez especial da juventude, e, embora estivesse longe de ser um jovem, naquela manhã descera a escada escorregando pelo corrimão e dera um tapa no traseiro de bronze de Afrodite ao passar trotando pelo vestíbulo a caminho da sala de jantar, onde o

esperava o aroma do café. Ele próprio poderia ser comparado a um dia de verão, sobretudo ao entardecer, pois, conquanto lhe faltasse ali uma raquete de tênis ou uma sacola de velejador, definitivamente transmitia uma impressão de mocidade, esporte e tempo agradável. Tendo acabado de nadar, ele agora respirava fundo, ruidosamente, como se quisesse trazer para dentro dos pulmões os componentes daquele momento, o calor do sol, a intensidade de seu prazer. Tudo parecia fluir para dentro de seu tórax. Morava em Bullet Park, treze quilômetros ao sul, onde suas quatro belas filhas já teriam almoçado e poderiam estar jogando tênis. Então lhe ocorreu que, fazendo um percurso em forma de L rumo ao sudoeste, poderia chegar em casa por uma via aquática.

Como não era um homem de hábitos rígidos, o prazer que sentiu ao ter essa visão não podia ser confundido com nenhuma forma de escapismo. Ele parecia ver, com o olhar de um cartógrafo, a série de piscinas, aquele ribeirão quase subterrâneo que fazia uma grande curva na vizinhança. Havia feito uma descoberta, uma contribuição à geografia moderna, e daria o nome de Lucinda, sua mulher, àquele curso de água. Ned não gostava de pregar peças nos outros e não era nenhum bobo, porém tinha uma imaginação original e uma vaga (ainda que modesta) ideia de ser uma figura lendária. Pareceu-lhe que uma longa nadada poderia alargar e enaltecer a beleza do dia.

Tirou o suéter que lhe cobria os ombros e mergulhou. Ele tinha um desprezo incompreensível por homens que não se atiram na piscina. Partiu num nado livre de movimentos bruscos, respirando a cada braçada ou a cada quarta braçada e contando nos recessos da mente o um-dois, um-dois da batida de pés. Não era uma técnica apropriada para longas distâncias, mas a popularização do nado havia criado certos hábitos e, no lugar onde ele vivia, o crawl era dominante. Ser envolvido e sustentado pela água esverdeada lhe proporcionaria mais prazer caso ele tirasse o calção, porém isso não seria possível se quisesse realizar o projeto. Saiu da água na extremidade oposta — nunca usava a escada — e começou a cruzar o gramado. Quando Lucinda lhe perguntou aonde ia, disse que voltaria nadando para casa.

Os únicos mapas em que podia se basear estavam arquivados em sua memória ou eram imaginários, porém não deixavam de ser bastante claros. Primeiro, viriam os Graham, os Hammer, os Lear, os Howland e os Crosscup. Atravessaria depois a rua Ditmar para chegar aos Bunker e, após um curto trecho em terra, passaria pelos Levy, pelos Welcher e pela piscina pública de Lancaster. A

seguir, era a vez dos Halloran, dos Sachs, dos Biswanger, de Shirley Adams, dos Gilmartin e dos Clyde. O dia estava lindo, e o fato de que ele vivia num mundo tão generosamente suprido de água era uma indulgência, um ato filantrópico. Eufórico, cruzou correndo o gramado. Voltar para casa por um caminho incomum lhe dava a sensação de ser um peregrino, um explorador, um homem com um destino a cumprir — e ele sabia que iria encontrar amigos ao longo de todo o percurso, amigos que ocupariam toda a margem do rio Lucinda.

Tendo atravessado a cerca viva que separava os terrenos dos Westerhazy e dos Graham, passou debaixo de algumas macieiras em flor e, contornando a casinha onde ficavam a bomba e o filtro, desembocou na piscina dos Graham. “Nossa, Neddy”, disse a sra. Graham, “que surpresa maravilhosa! Fiquei tentando ligar pra você a manhã toda. Venha, me deixe lhe trazer um drinque.” Como qualquer explorador, ele se deu conta naquele momento de que seria necessário tratar com diplomacia os costumes e tradições de hospitalidade dos nativos se de fato pretendia chegar a seu destino. Não queria causar confusão na cabeça dos Graham ou ser rude, porém não tinha tempo para ficar por ali. Nadou de uma ponta à outra da piscina, sentou-se junto a eles sob o sol e foi salvo, alguns minutos mais tarde, pela chegada de dois carros cheios de amigos do casal vindos de Connecticut. Conseguiu escapar durante as efusivas demonstrações de alegria. Saiu pela frente da casa, pulou por cima de uma cerca de espinhos e cruzou um terreno baldio para chegar à casa dos Hammer. Erguendo os olhos do canteiro de rosas, a sra. Hammer viu alguém passar nadando, embora não soubesse ao certo quem era. Pela janela da sala de visitas, os Lear ouviram o barulho que ele fez ao mergulhar. Os Howland e os Crosscup haviam saído. Deixando o terreno dos Howland, ele atravessou a rua Ditmar a caminho da casa dos Bunker, de onde lhe chegou, mesmo à distância, a algazarra de uma festa.

A água refletia o som das vozes e das risadas, que pareciam suspensas no ar. Como a piscina dos Bunker ficava numa área mais elevada, ele subiu os degraus para o terraço, onde vinte e cinco a trinta homens e mulheres bebiam. A única pessoa na água era Rusty Towers, que boiava num colchão de borracha. Ah, como eram belas e luxuriantes as margens do rio Lucinda! Gente próspera reunida em torno de águas cor de safira enquanto garçons de paletó branco serviam gim gelado. Acima deles, um avião de treinamento De Havilland vermelho circulava no céu com a alegria de uma criança num balanço. Ned sentiu uma afeição momentânea pela cena, certa ternura pela festa, como se fosse algo que ele

pudesse tocar. Ouviu trovões ao longe. Tão logo o viu, Enid Bunker começou a gritar: “Ah! Vejam só quem está aqui! Que surpresa maravilhosa! Quase morri quando Lucinda disse que vocês não iam poder vir!”. Dirigiu-se a ele através da massa de convidados e, quando acabaram de se beijar, o levou até o bar, embora lentamente porque Ned teve de parar para beijar de oito a dez mulheres, além de apertar a mão de um número equivalente de homens. Um garçom sorridente, a quem já vira numa centena de festas, lhe serviu um gim-tônica, e ele permaneceu diante do bar por algum tempo, ansioso para não entrar em nenhuma conversa que pudesse atrasar sua viagem. Quando parecia prestes a ser cercado por todos os lados, mergulhou e nadou próximo à borda para não colidir com o colchão de Rusty. Na outra extremidade da piscina, passou pelos Tomlinson com um largo sorriso e trotou pelo caminho do jardim. O cascalho machucou seus pés, porém essa foi a única coisa desagradável. Como a festa estava restrita à área da piscina, o vozerio reverberante foi perdendo intensidade à medida que ele avançou na direção da casa, sendo substituído pelo som vindo de um rádio na cozinha dos Bunker, onde alguém ouvia um jogo de beisebol. Tarde de domingo. Ele se esgueirou entre os carros estacionados e desceu pelo gramado até a Alewives Lane. Não queria ser visto de calção de banho, mas a rua estava deserta e ele venceu a pequena distância até a entrada de automóveis da casa dos Levy, assinalada por uma placa de PROPRIEDADE PRIVADA e um tubo verde para receber o *The New York Times*. Todas as portas e janelas da grande casa estavam abertas, mas não havia o menor sinal de vida, nenhum cachorro latiu. Ele passou pelo lado da casa até chegar à piscina e viu que os Levy tinham acabado de sair. Numa mesa próxima à parte mais funda da piscina, viam-se copos, garrafas e pratos de nozes sob o gazebo decorado com lanternas japonesas. Depois de atravessar a piscina, pegou um copo e serviu uma bebida. Era seu quarto ou quinto drinque, e ele havia nadado quase metade da extensão do rio Lucinda. Sentiu-se cansado, limpo e feliz de estar só naquele momento — feliz com tudo.

Uma tempestade se aproximava. A vasta parede de nuvens — aquela cidade — ficara mais alta e enegrecera. Ali sentado, de novo ouviu o ribombar de um trovão. O avião de treinamento De Havilland ainda fazia círculos no céu e Ned teve a sensação de que o piloto ria com o prazer que a tarde lhe proporcionava, porém partiu para sua base quando ressoou outro trovão. Um trem apitou e ele se perguntou que horas seriam. Quatro? Cinco? Pensou na estaçãozinha local àquela hora, quando estariam esperando pelo trem parador um garçom com o

traje a rigor escondido sob a capa de chuva, um anão com flores embrulhadas em jornal e uma mulher que chorava até pouco antes. De repente, começou a escurecer: era aquele instante em que os passarinhos organizam seus cantos num reconhecimento agudo e facilmente compreensível de que a tempestade está para chegar. Ouviu então o som delicioso de água caindo da fronde de um carvalho às suas costas, como se uma torneira houvesse sido aberta. E, logo depois, das copas de todas as altas árvores veio aquele ruído de fontes jorrando. Por que ele gostava tanto das tempestades, qual o significado de sua excitação quando a porta era aberta por uma lufada e o vento de chuva subia com violência pelas escadas, por que a simples tarefa de fechar as janelas de uma velha casa lhe pareceu correta e urgente, por que as primeiras notas molhadas de uma ventania soavam para ele, de forma inconfundível, como o prenúncio de notícias boas e alegres? Houve então uma explosão, um cheiro de cordite, e a chuva castigou as lanternas japonesas que a sra. Levy comprara em Kyoto no ano retrasado — ou teria sido um ano antes?

Permaneceu no gazebo dos Levy até a tormenta passar. A chuva refrescara o ar e ele teve um calafrio. A força do vento arrancara de um bordo todas as folhas vermelhas e amarelas, espalhando-as sobre o gramado e a água. Como estavam em pleno verão, o bordo devia ter alguma doença, porém aquele sinal de outono lhe causou uma pontada aguda de tristeza. Abraçou os ombros, esvaziou o copo e partiu em direção à piscina dos Welcher. Isso implicava atravessar o picadeiro dos Lindley, e ele se surpreendeu ao vê-lo coberto de capim, com os obstáculos desmontados. Perguntou-se se os Lindley tinham vendido os cavalos ou se saíram para as férias de verão e os deixaram em algum haras. Lembrou-se vagamente de que alguém lhe falara algo sobre os Lindley e seus cavalos, mas não sabia o quê. Seguiu descalço pela grama úmida até a casa dos Welcher, onde descobriu que a piscina deles estava vazia.

Essa quebra no seu curso aquático o desapontou absurdamente, fazendo-o sentir-se como um explorador que busca uma nascente torrencial e encontra um riacho ressequido. Além de desapontado, ele estava perplexo. Era bastante comum as pessoas saírem no verão, mas ninguém esvaziava a piscina. Os Welcher sem dúvida haviam partido. As cadeiras da piscina tinham sido dobradas, empilhadas e cobertas com lona. O banheiro fora trancado à chave. Todas as janelas da casa estavam fechadas e, ao contorná-la, ele viu uma placa de VENDE-SE pregada numa árvore. Quando é que ele tinha ouvido falar dos Welcher pela úl-

tima vez — quer dizer, quando é que ele e Lucinda haviam recusado pela última vez um convite para jantar na casa deles? Parecia ter sido apenas uma semana antes ou coisa parecida. Será que sua memória estava falhando ou ele a teria disciplinado tanto para reprimir fatos desagradáveis que acabara afetando sua percepção da verdade? E então ouviu, ao longe, o som de um jogo de tênis. Isso o alegrou, varrendo todas as apreensões e permitindo que encarasse com indiferença o céu encoberto e o ar frio. Esse era o dia em que Neddy Merrill atravessaria a vizinhança a nado! Esse era o dia! Ele foi enfrentar, então, sua mais difícil travessia por terra.

Se você tivesse saído para passear de carro naquele dia, poderia tê-lo visto, quase nu, no acostamento da rota 424 esperando uma oportunidade para atravessar. Talvez se perguntasse se ele fora vítima de um assalto, se seu carro tinha enguiçado ou se se tratava apenas de algum idiota. Descalço em meio ao lixo da beira da estrada — latas de cerveja, farrapos, pedaços de borracha de pneu —, exposto ao ridículo, era uma figura digna de pena. Desde o começo, ele sabia que aquela travessia fazia parte do trajeto, constava em seu mapa mental, mas, confrontado com as fileiras de carros que se arrastavam como minhocas sob o sol do verão, sentiu que não estava preparado para aquilo. Foi objeto de deboches e de vaias, lhe atiraram uma lata de cerveja, e ele não conseguia modificar a situação com algum toque de dignidade ou humor. Bem que poderia ter dado meia-volta e regressado à casa dos Westerhazy, onde Lucinda ainda estaria se bronzeando. Ele não havia assinado nenhum contrato ou assumido nenhum compromisso, não havia feito promessa alguma nem para si próprio. Como acreditava que a teimosia humana devia se curvar perante o bom-senso, por que então era incapaz de voltar atrás? Por que estava decidido a completar o percurso mesmo pondo em risco sua vida? Em que ponto aquela brincadeira, aquela piada, aquela travessura se transformara numa coisa séria? Mas o fato é que não podia voltar, não podia nem mesmo se lembrar com clareza da água esverdeada na piscina dos Westerhazy, de haver aspirado todos os componentes do dia, das vozes amigas e tranquilas dizendo que tinham bebido *demais*. No espaço de mais ou menos uma hora, ele cobrira uma distância que tornava impossível seu regresso.

Dirigindo a menos de trinta quilômetros por hora, um velho permitiu que ele atingisse a faixa de grama no meio da estrada. Ali ficou exposto à ridiculariza-

ção por parte dos carros que seguiam rumo ao norte, porém, após dez ou quinze minutos, conseguiu atravessar. De lá era uma curta caminhada até o centro de recreação da cidadezinha de Lancaster, onde havia algumas quadras esportivas e uma piscina pública.

O efeito da água sobre as vozes, a ilusão de limpidez e suspensão, era idêntico ao da casa dos Bunker, embora aqui os sons fossem mais altos, mais ásperos e estridentes. Tão logo ele entrou na área cercada, as regras disciplinares se fizeram presentes. “TODOS OS NADADORES DEVEM TOMAR UMA DUCHA ANTES DE ENTRAR NA PISCINA. TODOS OS NADADORES DEVEM UTILIZAR O TANQUE DE LAVAR OS PÉS. TODOS OS NADADORES DEVEM USAR SEUS DISCOS DE IDENTIFICAÇÃO.” Ele tomou uma ducha, enfiou os pés numa solução opaca da qual se desprendia um odor acre e caminhou até a borda da piscina. A água tinha um cheiro forte de cloro e parecia suja. Dois salva-vidas, cada qual instalado numa torre, sopravam apitos de polícia a intervalos aparentemente regulares e destrataavam os nadadores pelos alto-falantes. Neddy sentiu saudade da água cor de safira da piscina dos Bunker e temeu se contaminar, prejudicando seu charme e sua prosperidade, caso nadasse naquela imundície. No entanto, lembrou-se de que era um explorador, um peregrino, e que aquele era apenas um trecho de água estagnada do rio Lucinda. Com uma careta de nojo, mergulhou no banho de cloro e teve de nadar com a cabeça acima da água para evitar colisões, conquanto mesmo assim tenha sido abalroado, salpicado e sacudido. Quando chegou à parte mais rasa, os dois salva-vidas ber-raram para ele: “Ei, você aí, sem o disco de identificação! Saia da água!”. Tratou de sair, mas eles não tinham como persegui-lo e ele atravessou os miasmas de cloro e óleo de bronzear, passou pelo alambrado e cruzou as quadras esportivas. Cruzou a rua e entrou no bosque da propriedade dos Halloran. Como o chão do bosque não estava limpo, ele pisou com cuidado para não se machucar até alcançar o gramado e a sebe de faias aparadas que circundava a piscina.

Os Halloran eram bons amigos, um casal já idoso e extremamente rico que achava ótimo quando as pessoas suspeitavam que eles fossem comunistas. Na verdade, eram reformistas radicais, e não comunistas, mas, quando acontecia de serem acusados de subversivos, isso os agradava e excitava muito. Como a sebe estava amarelada, Ned imaginou que as faias tinham a mesma doença do bordo dos Levy. Gritou alô, alô, a fim de alertar os Halloran de sua chegada e amenizar assim aquela invasão de privacidade. Os Halloran, por razões que ele desconhecia, jamais usavam roupas de banho. Na realidade, não cabia nenhuma

explicação. A nudez deles era apenas um pormenor no zelo reformista extremo do que os caracterizava, e Ned cortesmente tirou o calção antes de passar pela abertura na sebe.

A sra. Halloran, uma mulher corpulenta de cabelos brancos e rosto sereno, lia o *Times* enquanto seu marido catava com uma peneira folhas de faia caídas na água. Não se mostraram nem surpresos nem aborrecidos ao vê-lo. A piscina deles era talvez a mais antiga da região, um retângulo de pedras abastecido por um riachinho. Sem filtro nem bomba, suas águas opacas tinham o tom dourado de uma fonte natural.

“Estou atravessando a vizinhança a nado”, disse Ned.

“É mesmo? Não sabia que isso era possível”, exclamou a sra. Halloran.

“Bem, estou vindo da casa dos Westerhazy”, Ned respondeu. “Isso deve dar mais de seis quilômetros.”

Ele deixou o calção na parte mais funda, caminhou até a mais rasa e voltou nadando. Ao sair da piscina, ouviu a sra. Halloran dizer: “Ficamos *muitíssimo* tristes ao saber dos seus problemas, Neddy”.

“Meus problemas?”, Ned perguntou. “Não sei do que você está falando.”

“Soubemos que você vendeu a casa e que as pobres das suas filhas...”

“Não me lembro de ter vendido a casa”, disse Ned, “e as meninas estão lá.”

“Está bem”, suspirou a sra. Halloran. “Está bem...” Sua voz ressoou com uma melancolia pouco apropriada para aquela época do ano, e Ned retrucou com vivacidade: “Muito obrigado pela nadada!”.

“Faça uma boa viagem”, disse a sra. Halloran.

Passada a sebe, ele vestiu o calção e o amarrou. Estava largo na cintura e ele se perguntou se, numa única tarde, era possível que tivesse perdido tanto peso. Sentiu frio e cansaço, o casal de nudistas, com suas águas escuras, o deprimira. A travessia das numerosas piscinas estava exigindo um esforço demasiado, mas como ele poderia ter previsto isso se, naquela manhã, havia descido pelo corrimão e sentado ao sol na casa dos Westerhazy? Seus braços pendiam frouxos. As pernas pareciam feitas de borracha, as juntas doíam. O pior de tudo era o frio nos ossos e a sensação de que talvez nunca mais voltasse a se aquecer. As folhas tombavam ao seu redor, o vento lhe trazia o cheiro de madeira queimada. Mas quem estaria queimando madeira àquela altura do ano?

Precisava de um drinque. O uísque o esquentaria e, encorajando-o a enfrentar a parte final do trajeto, lhe traria de volta o sentimento de que atravessar a

vizinhança a nado era algo original e valoroso. Os nadadores que faziam a travessia do canal da Mancha tomavam conhaque. Ele necessitava de um estimulante. Cruzou o gramado em frente à residência dos Halloran e tomou o caminho bem curto que levava à casa que eles haviam construído para a filha única, Helen, e seu marido, Eric Sachs. A piscina deles era pequena e Ned os encontrou lá.

“Ah, *Neddy*”, disse Helen. “Você almoçou na casa da mamãe?”

“Na verdade, *não*”, Ned respondeu. “Só *passei* por lá para ver seus pais.” Isso parecia bastar em matéria de explicação. “Sinto muito aparecer assim de surpresa, mas de repente me deu um frio e queria saber se vocês podiam me oferecer um drinque.”

“Bem que eu *gostaria*”, disse Helen, “mas não temos nenhuma bebida na casa desde que o Eric foi operado. Já faz três anos.”

Será que ele estava perdendo a memória, será que seu dom de ocultar os fatos desagradáveis vinha fazendo com que se esquecesse de ter vendido a casa, de que suas filhas estavam em apuros, de que seu amigo havia ficado doente? Seus olhos escorregaram do rosto para o abdômen de Eric, onde ele viu três cicatrizes pálidas e suturadas, duas das quais com pelo menos trinta centímetros de comprimento. Como o umbigo dele tinha desaparecido, Neddy se perguntou o que a mão que passeia pelo corpo na cama, conferindo os próprios atributos às três da madrugada, pensaria de uma barriga sem umbigo, sem ligação com o momento da vinda ao mundo, rompendo assim sua linha sucessória?

“Tenho certeza que você vai arranjar um drinque na casa dos Biswanger”, disse Helen. “Eles estão dando uma festança. Dá para ouvir daqui. Preste atenção!”

Ela ergueu a cabeça e Ned mais uma vez ouviu, do outro lado da rua, dos gramados, dos jardins, dos bosques e dos campos, as vozes límpidas refletidas na água. “Bom, vou dar uma caída”, ele disse, sentindo ainda que não tinha escolha no tocante ao seu modo de locomoção. Mergulhou na água fria e, respirando com dificuldade, quase se afogando, conseguiu percorrer a piscina de ponta a ponta. “Lucinda e eu queremos *muito* ver vocês”, disse por cima do ombro, com o corpo já apontando na direção da casa dos Biswanger. “Pena que não nos vemos há tanto tempo, mas vamos chamar vocês por *esses* dias.”

Ele atravessou alguns campos para chegar à casa dos Biswanger, de onde vinham os sons da festa. Eles ficariam honrados em lhe servir um drinque, ficariam realmente felizes em lhe oferecer uma bebida. Os Biswanger os convidavam, a ele

e a Lucinda, para jantar quatro vezes por ano com seis semanas de antecedência. Seus convites eram sempre recusados e, no entanto, eles continuavam a enviá-los por se recusarem a entender as realidades rígidas e não igualitárias da sociedade em que viviam. Eram o tipo de gente que discute o preço das coisas em coquetéis, que troca dicas sobre o mercado de ações durante o jantar, que conta piadas indecentes depois do jantar na presença das senhoras. Não pertenciam ao grupo de Neddy nem constavam da lista de cartões de Natal de Lucinda. Ele caminhou na direção da piscina deles com um misto de indiferença, comiseração e certo mal-estar, pois o sol já parecia estar se pondo quando aqueles eram os dias mais longos do ano. Ao chegar, verificou que a festa era de fato grande e barulhenta. Grace Biswanger pertencia ao gênero de anfitriã que convida o optometrista, o veterinário, o corretor de imóveis e o dentista. Ninguém estava nadando, e o lusco-fusco, refletido na água da piscina, tinha um brilho hibernal. Localizou o bar e seguiu para lá. Ao vê-lo, Grace Biswanger se aproximou com uma atitude belicosa, e não do modo afetuoso que ele tinha todo o direito de esperar.

“Vejam só, tem mesmo de tudo nesta festa”, ela disse alto, “inclusive um penetra.”

Ela não seria capaz de esnobá-lo, essa hipótese nem se colocava, e por isso ele não pestanejou. “Como penetra”, perguntou com toda a cortesia, “será que eu não faço jus a um drinque?”

“Sirva-se”, ela disse. “Você não parece mesmo se importar muito com convites.”

Ela lhe deu as costas e foi se juntar a outros convidados, enquanto ele seguiu para o bar e pediu um uísque. O garçom o serviu, porém de maneira indelicada. Nos círculos que ele frequentava, como os serviços tinham perfeita noção do status dos patrões, ser maltratado por um garçom empregado em tempo parcial significava que ele havia sofrido uma perda de posição social. Ou talvez o sujeito fosse novo e desinformado. Então, às suas costas, ouviu Grace dizer: “Eles quebraram da noite para o dia, só sobrou mesmo o salário. Apareceu bêbado um domingo e nos pediu cinco mil dólares emprestados...”. Ela falava sempre sobre dinheiro. Era pior que mastigar de boca aberta. Ele pulou na piscina, nadou até a outra ponta e foi embora.

A piscina seguinte na lista, a antepenúltima, pertencia à sua antiga amante, Shirley Adams. Se ele sofrera algum dano na casa dos Biswanger, tudo seria compensado ali. O amor — de fato, uma violenta atração carnal — era o elixir su-

premo, o analgésico, a pílula vivamente colorida que lhe daria novas forças, que traria de volta a alegria de viver. Haviam tido um romance na semana anterior, no mês anterior, no ano anterior. Ele não conseguia lembrar. Quem tinha acabado com a coisa fora ele, sempre fora o dominante, e por isso atravessou com absoluta autoconfiança o portão que dava para a piscina dela. De certo modo, era como se ele fosse o proprietário da piscina, porque o amante, em especial o amante ilícito, desfruta das posses de sua companheira com uma autoridade inexistente no sagrado matrimônio. Ela estava lá, com os cabelos cor de cobre, mas seu corpo, pousado na borda da água clara e cerúlea, não despertou nele nenhuma memória profunda. Tinha sido, Ned pensou, um caso superficial, embora ela houvesse chorado quando ele anunciou o rompimento. Shirley pareceu atônita ao vê-lo, e ele se perguntou se ela ainda estava ressentida. Será possível que iria chorar de novo?

“O que é que você quer?”, ela perguntou.

“Estou atravessando a vizinhança a nado.”

“Deus meu! Quando é que você vai crescer?”

“Que que há?”

“Se veio aqui pedir dinheiro, não vou te dar nem mais um centavo.”

“Você podia me dar um drinque.”

“Podia, mas não vou dar. Não estou sozinha.”

“Muito bem, então vou indo.”

Ele mergulhou e atravessou a piscina, porém, quando tentou galgar a borda, viu que a força de seus braços e ombros desaparecera, obrigando-o a nadar cachorrinho até a escada para poder sair. Olhando por sobre o ombro, viu um rapaz no banheiro iluminado. Ao penetrar no gramado às escuras, sentiu no ar noturno o aroma de crisântemos ou cravos-de-defunto — alguma teimosa fragrância de outono —, tão forte quanto o cheiro de gás. Olhando para o céu, notou que as estrelas já brilhavam, mas como era possível ver Andrômeda, Cefeus e Cassiopeia? Onde estariam as constelações visíveis no meio do verão? Começou a chorar.

Talvez fosse a primeira vez que ele chorava em toda a sua vida adulta, sem dúvida a primeira vez na vida que se sentia tão infeliz, cansado e confuso, com tanto frio. Era incapaz de entender a estupidez do garçom ou a grosseria da amante, que se chegara a ele de joelhos e lhe molhara as calças com suas lágrimas. Ele havia nadado demais, ficara imerso por tempo demais, seu nariz e sua

garganta estavam doloridos por causa da água. O que precisava agora era de um drinque, de alguma companhia, de roupas limpas e secas. E, embora pudesse atravessar a rua e seguir diretamente para casa, caminhou na direção da piscina dos Gilmartin. Lá, pela primeira vez em sua vida, não mergulhou: desceu os degraus para entrar na água frígida e nadou com um movimento lateral espasmódico que talvez tivesse aprendido na juventude. Cambaleou de cansaço até a casa dos Clyde e cruzou a piscina deles nadando cachorrinho, agarrando-se várias vezes à borda para descansar. Subiu pela escada e ficou em dúvida se tinha forças para andar até sua casa. Ele havia feito o que queria, atravessara a vizinhança a nado, porém estava tão exausto que seu triunfo parecia pouco claro. Encurvado, apoiando-se na cerca, tomou o caminho que levava à porta.

A casa estava às escuras. Será que já era tão tarde que todos haviam ido dormir? Será que Lucinda tinha ficado para jantar na casa dos Westerhazy? As meninas teriam decidido se encontrar com ela ou estavam em outro lugar? Mas, como costumavam fazer aos domingos, não haviam todos eles concordado em recusar qualquer convite e ficar em casa? Tentou abrir as portas da garagem para ver que carros se encontravam lá, porém estavam todas trancadas e suas mãos ficaram sujas de ferrugem ao pegar nos puxadores. Aproximando-se da casa, viu que a ventania derrubara uma das calhas: tombada sobre a porta da frente como uma vareta quebrada de guarda-chuva, teria de ser consertada pela manhã. A casa estava trancada, e ele imaginou que o idiota do cozinheiro ou a idiota da arrumadeira teriam fechado todas as portas à chave, até que se lembrou de que havia muito tempo não tinham nenhum empregado doméstico. Ele gritou, esmurrou a porta da frente, tentou forçá-la com o ombro, e então, olhando através de uma janela, viu que a casa estava vazia.

“The swimmer”

Trad. Jorio Dauster